

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**2 de Fevereiro de 2024**  
**FILMar: COMEÇAR A ACABAR**

## **MATA DO BUSSACO / 1919**

*Um filme atribuído a Hans Berge*

*Imagem (35 mm, cor) e montagem: atribuídos a Hans Berge*

*Produção: não identificado / Cópia: da Cinemateca da Noruega, digital (transcrito do original em 35 mm), muda com intertítulos em norueguês e legendagem eletrónica em português / Duração: 7 minutos / Estreia mundial: data não identificada / Primeira apresentação na Cinemateca: 21 de Dezembro de 2022, simultaneamente no âmbito do ciclo "FILMaR" e da rubrica "O Dia Mais Curto".*

## **SERNACHE DO BONJARDIM / 1929**

*Um filme de Silvino Santos*

*Imagem (35 mm, preto & branco): Silvino Santos / Montagem: não identificado*

*Produção: Câmara da Sertã / Cópia: da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, com intertítulos em português / Duração: 10 minutos, a 16 imagens por segundo / Estreia mundial: data não identificada / Primeira apresentação na Cinemateca.*

## **AMAZONAS, O MAIOR RIO DO MUNDO / 1918**

*Um filme de Silvino Santos*

*Imagem (35 mm, preto & branco, e montagem: Silvino Santos / Intertítulos: Avelino Cardoso*

*Produção: Amazônia Cine Film / Cópia: da Cinemateca Brasileira (São Paulo), dcp (transcrito do original em 35mm), mudo com intertítulos em checo e legendas em português / Duração: 66 minutos / Estreia mundial: data não identificada / Primeira apresentação na Cinemateca.*

***Duração total da sessão: 83 minutos***

\*\*\*\*\*

**Música ao vivo por FILIPE RAPOSO**

\*\*\*\*\*

**Com a presença de SÁVIO LUÍS STOCO**

\*\*\*\*\*

Embora possa causar espécie o facto deste programa, em que não vemos uma única imagem do mar, estar incluído num ciclo sobre o mar, o facto não é totalmente insólito na era da internet, quando festivais de curtas-metragens mostram longas e festivais de documentários mostram obras de ficção: a "miscigenação" de géneros, formatos e suportes está de vento em popa, o que não tolhe o prazer de ver filmes, independentemente da forma como estes são relacionados nas ementas de programação.

Este programa reúne dois documentos e um documentário, duas curtas-metragens que são simples e belos retratos de um espaço e uma longa-metragem com uma dimensão explicativa. Embora, tanto quanto se saiba, tenha sido feito por um norueguês, **Mata do Bussaco** não apresenta grandes diferenças de enfoque com o que teria feito um cinegrafista português. Com espírito de síntese, o realizador mostra o contexto geográfico e alguns dos seus habitantes, num espaço que não mudou muito desde então. A cópia tem a peculiaridade de ser colorida, não com simples tintagens, mas com uma variedade de cores e matizes que faz do filme um belo bibelô. Note-se que a última palavra que vemos, *slut*, não tem de todo o mesmo significado que em inglês: significa simplesmente *fim*.

Silvino Santos (1886-1970) foi uma interessante figura e um importante pioneiro do cinema brasileiro, além de talentoso fotógrafo. Nascido numa aldeia da Serra da Estrela numa família de posses, convenceu os pais a deixá-lo ir viver para o Brasil, onde chegou com apenas treze anos, acompanhando uma família amiga que se instalara em Belém do Pará, metrópole

regional a distância relativamente curta da embocadura do rio Amazonas e importante porto. Silvino Santos viveria na Amazônia pelo resto da vida (em Manaus a partir de 1910), como simples funcionário de uma empresa, deixando, no entanto, uma impressionante filmografia de nada menos de noventa e uma obras, realizadas entre 1914 e os anos 60, sobretudo na Amazônia, mas também em Portugal, com o qual nunca cortou totalmente os laços. No ano anterior à sua morte foi homenageado no I Festival Norte de Cinema Brasileiro, em Manaus, em parte por iniciativa de Cosme Alves Neto, nascido naquela cidade e que durante muitos anos dirigiu a Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, onde Silvino Santos depositara algum material, parte do qual foi utilizado num documentário sobre a sua figura. Desde os anos 80 tem sido feito um trabalho consistente de recuperação da sua obra. Neste programa temos dois de seus filmes, totalmente contrastantes, pela ambição e pela forma.

O primeiro mostra a terra natal do realizador (e também do Condestável, como é indicado num intertítulo), o segundo a sua terra de adoção, que não poderiam ser mais diferentes. **Sernache do Bonjardim** fixa um espaço do qual Santos se afastara há trinta anos e tem algo de um álbum de fotografias, como se constata pelo facto de algumas pessoas posarem como para uma foto neste modesto e precioso momento de cinema. Realizado depois de uma série de curtas-metragens sobre regiões recuadas e tribos indígenas, mas também sobre a cidade de Manaus, **Amazonas, o Maior Rio do Mundo** é o décimo-terceiro filme de Silvino Santos e a sua primeira longa-metragem. Segundo informa o livro *No Rastro de Silvino Santos* (Selda Vale da Costa e Narciso Freire Lobo, 1987), baseando-se certamente num testemunho oral do realizador, os negativos tinham sido enviados para Londres em 1920 para serem copiados e o portador vendeu o material a uma empresa de turismo. Como é indicado na cópia que vamos ver, o filme era considerado perdido desde os anos 30, até que em 2023 foi localizado material no Cinemateca Checha, que fez mais uma vez jus à sua reputação de conter preciosas raridades nos seus arquivos, entre as quais identifica-se de vez em quando um filme considerado perdido. Silvino Santos deu testemunho de que para fazer este filme levou três anos a percorrer a Amazônia, tendo começado em Belém e depois se embrenhado até à nascente do rio, em Iquitos, no Perú, e percorrido outros espaços da região. Até então, pouco se havia filmado na Amazônia, região envolta numa certa aura de mistério, mas com a qual Silvino Santos estava muito familiarizado. Por conseguinte, ele não filma aquilo que descobre à medida que filma, como era frequente naqueles tempos nos documentários realizados em terras distantes, mostra aquilo que conhece e foi ele quem decidiu que regiões e aspectos queria mostrar. E mostrou muita coisa, num apanhado da vasta região (selva, rios, indígenas, flora e fauna) e das suas diversas atividades económicas (cultivo da borracha, exploração da madeira, pesca, pecuária, alguma agricultura). Pode-se considerar que há alguma falta de rigor na estrutura global do filme, na medida em que nem sempre sabemos exatamente onde estamos ou se estamos a subir ou a descer o rio e passa-se de um sítio para outro sem observar rigorosamente a geografia local. Haveria talvez maior solidez cinematográfica se Silvino Santos tivesse seguido “o maior rio do mundo” (o segundo mais extenso e o mais caudaloso) da nascente à foz, mostrando o que havia às suas margens. Mas, independentemente das dificuldades de filmar naquela região, muito poucos cineastas teriam tido esta ideia em 1918, quando o simples facto de captar imagens destas regiões era uma proeza. Silvino Santos tem uma perfeita noção da escala de planos (sabe quando se aproximar ou se afastar daquilo que filma) e da duração adequada destes, assim como da concatenação das imagens, isto é, da montagem. Tem, por conseguinte, sentido narrativo, o que é reforçado pelo facto dos intertítulos, sobriamente redigidos, derem as informações indispensáveis, sem tecer comentários. Silvino Santos dá-se o prazer de utilizar no começo do filme uma clássica figura de estilo do cinema mudo, a abertura da íris, mas nunca deixa de lado o indispensável teor informativo para fazer floreios visuais. E sabe levar o filme ao seu ponto final, um pôr-do-sol sobre o rio: uma imagem do fim de um dia para o fim do filme.

Antonio Rodrigues